

SUBMERSOS POR ÁGUAS, CHOLERA E PAIRANDO ENTRE LEMBRANÇAS OU ESQUECIMENTOS: O CEMITÉRIO DOS BEXIGUENTOS DA VELHA JAGUARIBARA- CE E O ATUAL CEMITÉRIO DAS ALMAS

Beatriz Freire Guimarães¹

Juvandi de Souza Santos²

Manoel Odorico de Moraes Filho³

RESUMO

O Homem é formado pelas memórias que ele carrega e mesmo essa sendo subjetiva, seletiva e vulnerável a uma série de fatores externos, são elas que compõem a identidade individual e coletiva de uma sociedade. Quando se trata de grandes eventos históricos, a memória coletiva se responsabiliza por perpetuar práticas e costumes, repassando de geração em geração, seja por meio de festejos ou outras crenças. O acontecimento abordado neste trabalho é o surto epidêmico do cólera morbus na Velha Jaguaribara, município localizado no interior do Ceará, durante os oitocentos, de modo que será identificado os fatores materiais e imateriais que passaram a compor a identidade cultural do lugar, principalmente o Cemitério de Bexiguentos e das Almas como signos de conservação de alguns costumes que permanecem até os dias atuais .

Palavras-chaves: Cemitérios; Cólera; Arqueologia.

1 Universidade Federal do Ceará -UFC Mestranda em Medicina Translacional profbeatrizguimaraes@gmail.com

2 Universidade Estadual da Paraíba- UEPB Prof. Dr. na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB - juvandi@terra.com.br

3 Universidade Federal do Ceará- UFC Prof. Dr. na Universidade Federal do Ceará- UFC odorico@ufc.br



1.0 INTRODUÇÃO

Os discursos que compõem este trabalho são de natureza sócio-cultural que descrevem cenários médicos, históricos e religiosos, além das posturas adotadas por indivíduos e grupos generalizados diante da epidemia de cólera, produzindo costumes que se enraizaram e são reproduzidos ainda nos dias de hoje.

Por exemplo, no fim de 2019 o mundo se deparou com o SARS-CoV-2 , vírus da família Coronavírus causador da doença Covid-19 e responsável por milhares de mortes em todo planeta, atualmente convivemos com suas variantes, ea ameaça de outra epidemia como a varíola do macaco. Nesse contexto, os estudos relacionados a temáticas epidêmicas ganharam um maior engajamento dentro das universidades englobando todas as ciências de forma interdisciplinar.

A pandemia da Covid-19 trouxe à tona antigas práticas de combate a doenças como o uso de máscaras, isolamento social, divulgação de protocolos de segurança sanitária, utilização de valas comuns, entre outras. Práticas empregadas em pandemias anteriores como, por exemplo, a Gripe Espanhola em 1918. Assim, recorrer a pesquisas sobre enfermidades é acima de tudo buscar um norte para o presente e no futuro evitar antigos. Logo, se entende que a “doença pertence não só a história superficial dos progressos científicos e tecnológicos, como também, à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades” (LE GOFF, 1991, p. 8). Desse modo, esse trabalho se sustenta na memória, uma vez que ela representa “a presença do passado” (ROUSSO, 2006, p. 94), e o ressignifica a partir das vivências da atualidade, assim como o que Thompson chamou de história vista de baixo, tratando de assuntos e visões de homens tidos como comuns, como menciona Guimarães (2021)

Debruça-se nas ações tomadas pela camada popular para formular histórias, atribuindo maior mobilidade científica aos discursos e equiparando sua importância com as chamadas “fontes oficiais” dos positivistas, ou seja, a grande maioria, produzida pelas elites (...) tratando da vida real de vários homens e mulheres que também contribuíram na formação da Nação (GUIMARÃES, 2021, p.14) .

A fim de assimilar o cenário, merece aqui descrevê-lo: uma região castigada por secas, fome, poucos médicos, medicina atrasada, descasos governamentais e muita fé. Sendo a fé um aspecto comum entre todas as camadas sociais, percebe-se a reafirmação do catolicismo no interior cearense, onde promessas resultaram em importantes construções que moldaram a paisagem local e que ainda hoje dividem espaço com crenças enraizadas na cultura por meio de festas de padroeiros, romarias e outros signos erguidos em memórias daqueles vitimados pela cólera.

No Ceará, a doença motivou desavenças entre funcionários da fé e das ciências, tão forte era apreensão dos cearenses que ao verem seus irmãos (Paraíba, Rio Grande do Norte) assolados por tamanha tragédia, suplicavam por piedade divina e governamental, entraram em contato com médicos do Rio de Janeiro em busca de receitas de medicamentos, enquanto as páginas dos jornais publicaram cada vez



mais notícias da tão temida cholera. Como esperado, diante dos mortos sevia a pressa dos vivos em sepultar seus entes por medo do contágio tão perigoso. Ademanda era tanta, que assim como em outros lugares, emergiram os então chamados “Cemitérios de Bexiguentos”, espaços destinados às vítimas das enfermidades, enterrados sem direito a ritos fúnebres e de forma desmazeladas”. Sobre estes espaços, a Paraíba é pioneira nas pesquisas, caracterizando e catalogando esses sítios registrados no livro “A morte desprezível: história e arqueologia dos antigos cemitérios de bexiguentos da Paraíba”, nos permitindo uma comparação com esses espaços no Ceará, já que:

Segundo FACHIN (2001) o método comparativo consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e divergências de elementos constantes, abstratos e gerais, propiciando investigações de caráter indireto (PUC-RIO, n.d, p.117).

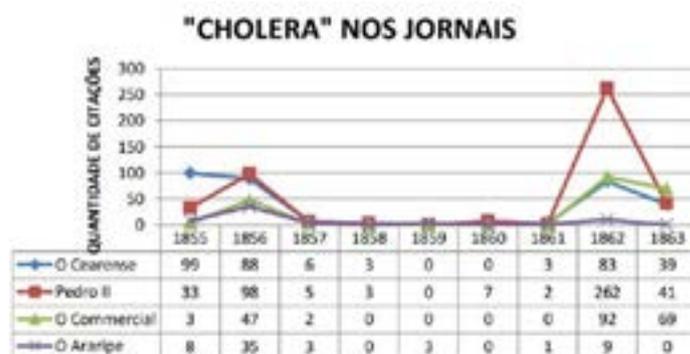
A necrópole escolhida no Ceará para realizar os estudos se localiza na Velha Jaguaribara, situada a 283 km de Fortaleza, cidade que foi submersa pelas águas do açude Castanhão no ano de 1995, e que requer pesquisas de natureza histórica e bioarqueológicas na busca por marcadores que comprovem a enfermidade de vitimou aqueles que foram ali sepultados.

2.0 CÓLERA EM TERRAS CEARENSES

O cólera é uma doença bacteriana infecciosa intestinal, caracterizada por uma diarreia severa com ou sem vômitos, dor abdominal e câibras, podendo levar o infectado a óbito quando este não submetido a um tratamento adequado. Oriunda da Índia, a doença espalhou-se pelo mundo graças às rotas comerciais e os deslocamentos de populações e exércitos. Em 1855, o cólera chega ao Pará junto com colonos portugueses, todavia, a moléstia não se restringiu ao Pará, logo se espalhou para outros pontos do Império, alcançando, ainda nesse ano, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, entre outras províncias.

A porta de entrada da epidemia no Ceará deu-se pela cidade de Icó, em março de 1862, se alastrando por toda província. Como já mencionado neste trabalho, enquanto os Estados vizinhos já sofriam com a doença nos anos de 1856, no Ceará seu apogeu ocorreu em 1862, como demonstra o gráfico, que representa o monitoramento das vezes que o anjo do extermínio visitou o lugar. (Fig.1)

FIG 1. GRÁFICO SOBRE A PRESENÇA DO TEMA CÓLERA NOS JORNAIS IMPERIAIS DO CEARÁ



FONTE: GRÁFICO ENCONTRADO NO TRABALHO DE DHENIS SILVA MACIEL.

As primeiras publicações refletiam o medo e receio da população, em 1855 se veiculam vários textos transcritos sobre remédios e estratégias para tratar o mal, as informações vinham de diversos médicos do Ceará, de outras regiões do Brasil e até mesmo do exterior. (Fig.2)

FIG 2. REMÉDIO INDICADO POR UM MÉDICO DO RJ PARA O CÓLERA



FONTE: JORNAL O CEARENSE (1855, ED. 00885)

Em 1861, repercute no Ceará um pensamento comum na era medieval de que tal doença seria um castigo de Deus:

[...] ai do povo que não teme o castigo do céu! Ai de nós que a vista da consternação e da agonia de morte dos nossos irmãos, apenas dissemos como seguros de temor: Coitados! Em que nos fiamos? O que esperamos? Quando nos voltaremos a Deus? Ah! Façamos penitência enquanto é dia, a noite vem e ninguém pode obrar! Esperamos acaso que o anjo derrame também sobre nós o caos da cólera do



Senhor? Ah, então é tarde! O perdão se deve pedir antes do castigo, porque Deus é misericordioso... (O COMERCIAL, 1855, n.p).

Sabe-se da forte influência que a Igreja Católica exercia sobre a sociedade, dessa forma, as medidas de combate à peste tomadas pelo Estado esbarravam nos discursos religiosos que tratava a moléstia como castigo divino contra os pecadores, para além, a imprensa da época levantava hipóteses sobre a eficácia do trabalho dos médicos, e que a doença não passava de exagero médico para garantir dinheiro em seus bolsos.

A medicina jurou/ empobrecer a nação,/ E com danada atenção/ com o cólera contratou/ consórcio união./ Não precisas de mim,/ disse o cólera a morte fria/ muito mais que eu te ajudam/ os alunos do Rio e da Bahia. Enfim para a medicina/ descobriu-se o El Dourado/ Para todo o sempre o cólera/ seja bendito e louvado (O COMERCIAL, 1856, ed. 185, n.p).

No mesmo Jornal e edição, o autor da coluna “Alforje”, relata que “talvez não para a extinção do mal, mas para a perpetuá-lo no lugar, porque onde não há botica e médico, há sempre menos moléstia.” Em Maranguape, a doença foi atribuída a São Sebastião, ex-padroeiro da cidade como retaliação aos fiéis, por substituí-lo por Nossa Senhora da Penha, uma troca baseada em questões econômicas.

Em relação às outras localidades a doença demorou a atingir o Ceará “a província continuava escapando, até que em março de 1862, um homem vindo da Paraíba para a cidade de Icó foi identificado como o primeiro a padecer da doença em solo cearense” (MACIEL, 2012, p.1). No que diz respeito às práticas de cura, elas não eram as mesmas para todos. Maciel (2012) menciona que:

A distinção entre o tipo de medicação adotado para um branco e um negro era gritante, enquanto aos primeiros eram dedicados nomes científicos como sulfatos de magnésia e pós de dover, para os pretos sugere-se uma mistura de cachaça e limão de hora em hora, ou apenas “fricções de pimenta, vinagre e gengibre quente sobre o espinhaço, pulsos e pernas” (MACIEL, 2012, p.8).

Apesar da distinção do tratamento médico, diante do anjo do extermínio, ricos, pobres, negros, brancos, homens, mulheres, adultos ou crianças todos eram iguais, após contaminados estavam marcados para morrer.

As epidemias transformaram o dia a dia, exigindo ações governamentais para combater o inimigo, e da população estratégias de sobrevivência, provocando mudanças permanentes em práticas culturais fortemente arraigadas no cotidiano. Portanto, tais doenças surgiram como um elemento de desorganização e de reorganização social (REVEL apud LE GOFF, 1976, p.144). Como por exemplo a substituição dos enterros nas igrejas pelos cemitérios, baseadas no medo e nos discursos higienistas que vigoravam na época.



3.0 CEMITÉRIO DE BEXIGUENTOS COMO LUGAR DE MEMÓRIA NO CEARÁ

É importante ressaltar que os discursos higienistas embasados na teoria dos miasmas foi respaldado pelo medo, assim os sepultamentos nas igrejas passaram a ser considerados inadequados e danosos à saúde pública, sendo realizados em áreas abertas, Campos Santos ou Cemitérios Secularizados. Entretanto, em tempos coléricos os poucos cemitérios existentes não davam conta do alto índice de mortos. Os cadáveres passaram a compor cada vez mais a paisagem diária dos brasileiros, a realidade era pavorosa, a situação tão crítica que se:

Encontrava, muitas vezes, casebres fechados, rodeados de urubus e invadidos por moscas, que entravam e saíam pelas rachaduras de portas e das paredes esburacadas, uma fedentina insuportável. Dentro de tais casebres, jaziam mortas famílias inteiras, já em adiantado decomposição OLIVEIRA, 1963,p.15).

O medo fez que diante de um simples desmaio o sujeito fosse enterrado vivo, segundo os relatos do povo, na cidade de Zabelê-Pb, certo dia não foi possível concluir o sepultamento de mais um colérico devido a forte chuva, deixando a sepultura aberta com o corpo que após ser molhado restabeleceu suas forças, pois ainda não tinha morrido de fato.

É nesse cenário tenebroso que emergiram os chamados Cemitérios de Bexiguentos⁴, lugares distantes das cidades, excluídos, longe dos olhares da sociedade, marcados na maioria dos casos por uma singela cruz de madeiras ou um monte de pedras. Sem sequer identificação de quem estava sepultado ali, são raros os casos em que há identificação ou mesmo uma simples sepultura, normalmente quando se trata de pessoas mais abastadas.

Curiosamente, o Estado do Ceará apresenta diferenças em relação à Paraíba quanto à atenção dada a algum desses locais. Por exemplo, na cidade de Tauá, existe o monumento único, edificado em 2013 em homenagem às vítimas do Cholera.

O memorial é composto por uma capela, lápides referentes aos padres que morreram e quatro cruzeiros que se entrelaçam formando uma reverenciando os dois padres que se sacrificaram para dar amparo aos enfermos. O memorial conta ainda com pedras indicando o número de mortos pela epidemia. Na capela existe painéis que contam e inclui a história da epidemia na cidade, um verdadeiro compromisso com a memória, "(...) um meio de combate contra o esquecimento, ou melhor, uma nova ars memoriae exigida pela decadência da transmissão oral e imposta pela crescente afirmação da racionalidade escrita" (CATROGA, 2001, p. 40). A repórter Claudino (2013) ainda descreve que:

4 Cemitério dos Bexiguentos faz referência não apenas a varíola, mas a todas as doenças infectocontagiosas.

Para o padre Maurizio Cremaschi, que chegou em Tauá no ano de 1979, e alguns anos depois começou a fazer registros fotográficos do local onde existiam dois túmulos e devoção, o resgate histórico é de fundamental importância para o povo de Tauá (...) considera elemento importante para o passado, presente e futuro, o padre se uniu ao historiador Feitosa na realização de pesquisas sobre o fato (...) O Memorial foi feito em uma arquitetura digna, lembrando os que morreram, o horror do acontecimento e ao mesmo tempo com uma proposta de esperança” (CLAUDINO, 2013, n.p).

O local representa um espaço de resistência popular e esperança, estando ali para lembrar de que mesmo momentos ruins são passageiros (Fig 3).

Claudino(2013) ainda escreve em sua reportagem:

O historiador e professor da Universidade Estadual do Ceará (Uece), em Tauá, Alexandre Lopes, considera a obra um marco para o município “Cresci ouvindo as histórias relativas ao fato, que sempre me chamaram atenção. As civilizações antigas fazem isso, registramos fatos com grandes monumentos e a cidade de Tauá fazendo isso presenteia a todos, especialmente aos mais jovens porque terão acesso a um marco na história”, frisa (CLAUDINO, 2013, n.p).

FIG 3. MEMORIAL HOMENAGEIA AS VÍTIMAS DE CÓLERA EM TAUÁ.



CRÉDITO: SILVANIA CLAUDINO (2013).

Um belo e importante gesto de memória para com nossos antepassados, dando para aqueles que se foram de forma tão cruel, a oportunidade de serem inseridos nas narrativas históricas. O que não se é mencionado é que, apesar de ter sido o primeiro no Brasil com tal temática, não é o mais antigo.

Atualmente a Universidade Federal do Ceará (UFC), através do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba e o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB - LABAP, desenvolve uma pesquisa de natureza histórica e bioarqueológica no

município da Velha Jaguaribara, em um Cemitério de Bexiguentos porém mais que isso, a partir de pesquisas e levantamentos históricos foi possível concluir que o espaço era destinado a romarias, em intenção das almas dos coléricos.

FIG 4. IMAGEM AÉREA DO CEMITÉRIO DE BEXIGUENTOS NA VELHA JAGUARIBARA.



CRÉDITO: MANOEL ODORICO DE MORAES FILHO.

Para encontrar tal lugar, a fonte oral foi crucial, tendo em vista que não há documentos oficiais ou relatadas até então de forma escrita. Entretanto, os estudos sobre a relevância que a população atribui a esses lugares não se desfez com o tempo.

Jaguaribara é um município do Estado do Ceará que tem sua história dividida por águas (literalmente). A cidade que se sacrificou em prol de um Ceará com melhores condições, uma heroína. Assim é descrita a cidade que foi submersa pelas águas do açude Castanhão em um discurso do então governador da época, Tasso Jereissati, no dia da inauguração da Nova Jaguaribara. Um discurso Extraído do vídeo “Jaguaribara: pelos caminhos da memória” que foi produzido pelo Imopec “[...] é um momento de alegria, para todos. Alegria para a própria população de Jaguaribara, que num gesto muito importante, num gesto acima de tudo cristão, abre mão desta cidade, deste seu canto, deste seu lugar do seu torrão natal, para que sejam beneficiados milhões de cearenses”.

No ano de 2001, quando relocada para a Nova Jaguaribara, ela ganha mais do que um novo rosto, segundo Júnior (2018)

Com o açude Castanhão, Jaguaribara ganha o status de potencial centro regional, pois passa a se assentar dotada de infraestrutura urbana, junto a barragem que é um equipamento estratégico para a reestruturação socioeconômica do Ceará, especialmente para a população a jusante da barragem, incluindo a Região Metropolitana de Fortaleza (JÚNIOR, 2018, p. 23).

A cidade antiga surgiu do processo de colonização no qual os indígenas foram expulsos para dar vez à uma fazenda de criação de gado, a Santa Rosa, transforma-se em um povoado em torno da igreja de São Gonçalo do Amarante, tornando-se município apenas em 1957.

Em 1960, a cidade foi inundada devido ao arrombamento do açude Orós, mas a população que já estava avisada da tragédia conseguiu minimizar os danos. Catorze anos depois, a cidade sofreu com a cheia do rio Jaguaribe, nota-se que a relação dos moradores com a cidade se davam por águas turbulentas.

Até que em 1985, se anuncia as “trombetas do arrebatamento”, a construção da barragem Castanhão que mais tarde veio a dar fim à Velha Jaguaribara, em nome do progresso. As obras do Castanhão foram iniciadas em 1995, “Em 25 de setembro de 2001, a Nova Jaguaribara é inaugurada, 50 km ao norte da velha cidade submersa, em território desapropriado dos municípios de Jaguaretama e Alto Santo” (JÚNIOR, 2018, p. 40)

Apesar do sentimento de resistência e saudade, a população de Jaguaribara não tinha outra escolha senão se retirar, mas levaram consigo mais que memórias, preservaram práticas e costumes. A essência de Jaguaribara.

A exemplo dessa preservação podemos mencionar mais do que a simples estrutura da antiga igreja reproduzida na nova urbe, pois, já que não poderia exumar, os moradores retiraram do velho cemitério de bexiguentos a cruz que marcava o lugar e foi substituído por uma árvore, como retratado na Figura 5, e a levaram ao novo cemitério da atual Jaguaribara, reservando para eles um espaço que manteve seu caráter de romarias e memória daqueles pobres vitimados, Cemitério das Almas, como descreve às figuras 6, 7 e 8.

FIG 5. CEMITÉRIO DE BEXIGUENTOS DA VELHA JAGUARIBARA.



CRÉDITO: MANOEL ODORICO DE MORAES FILHO.

FIG 6. CEMITÉRIO DOS BEXIGUENTOS DA VELHA JAGUARIBARA DURANTE ROMARIAS EM INTENÇÃO ÀS ALMAS DOS COLÉRICOS ALI ENTERRADOS.



CRÉDITO: MANOEL ODORICO DE MORAES FILHO.

FIG 7. CRUZ DOS COLÉRICOS NO NOVO CEMITÉRIO DE JAGUARIBARA.



CRÉDITOS: MANOEL ODORICO DE MORAES FILHO.

FIG 8. CEMITÉRIO DAS ALMAS EM JAGUARIBARA.



CRÉDITOS: MANOEL ODORICO DE MORAES FILHO.

A romaria não é uma sobrevivência do catolicismo, mesmo porque no Brasil, esse sequer chegou a decair. “considero a romaria como uma prática que engloba a dinâmica do tradicional e do moderno, do religioso e do secular, sem perder a sua especificidade. Para mim, romaria não é apenas uma manifestação do catolicismo popular” (OLIVEIRA, 2011, p. 11).

Foi a peregrinação da população de Jaguaribara que influenciou o cotidiano e a dinâmica urbana da cidade e mais especificamente do cemitério, projetando-o espacialmente a partir de seu “santuário”. Nestas peregrinações, velas são acesas, pedras são deixadas sob a crucifixos e outras imagens religiosas, enfim:

[...] o campo religioso popular brasileiro é diversificado e bastante sincrético. Diversas vertentes, advindas de continentes e tradições diferentes, concorrem para a formação das religiões populares no Brasil. Essa diversidade religiosa que se manifesta nas fronteiras das religiões também pode ser observada no próprio interior das próprias tradições religiosas (VALLA, 2001, p. 33).

Estudos sobre esses locais são cada vez mais urgentes e importantes, já que para se criar identidade, precisamos preservar memórias.

No atual contexto da modernidade, a reflexividade é a capacidade de reavaliar as experiências do passado, em função das exigências do presente e de projetos futuros. As tradições precisam justificar-se, exibir as suas razões de ser, tornarem-se plausíveis perante a sociedade para se manterem (MICHELLATO, 2008, p. 103).



Por fim, nota-se que Jaguaribara assim como Tauá preocupa-se em preservarsuas memórias através de romarias, que apesar de não um monumento oficial sua função e importância é a mesma, dando para o Cemitério das Almas a potencialidade de se encaixar como segundo monumento do Brasil com a temática.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Curiosamente, o Cemitério dos Bexiguentos de Jaguaribara apresenta algumas particularidades em relação aos estudados na Paraíba, tendo em vista que o local tornou-se destino de romaria em intenção das almas dos vitimados pela cólera, enquanto na Paraíba tais locais eram lugares evitados.

Outra diferença é que antes que as terras da cidade antiga fossem submersas, os moradores resgatam uma singela cruz de madeira que existia no local transferindo-a para o cemitério da Nova Jaguaribara, preservando a memória e os costumes religiosos que na Paraíba não foram identificados (as romarias). A Nova Jaguaribara constitui assim um espaço de valorização patrimonial, protegendo sua memória e fortalecendo a identidade local.

Nesse sentido estudos bioarquelógicos e históricos no local identificado como um Cemitério de Bexiguentos são essenciais, a fim de compreender mais sobre o cenário e buscar novas biofontes para pesquisas, as escavações no cemitério de Jaguaribara são de extrema importância, tendo em vista que é uma nova abordagem no campo da arqueologia histórica e que nos permite analisar os vários componentes funerários e não funerários, além de se obter importantes marcadores das doenças que levaram à morte aqueles indivíduos ali sepultados (GUIMARÃES e SOUZA ,2021, p. 208), validando essas necrópoles como lugares de exclusão social.

Além disso, a partir desses estudos é possível inserir em Jaguaribara roteiros turísticos históricos, arqueológicos e religiosos contribuindo para economia local.

No que se refere ao tratamento desses espaços, Tauá e Jaguaribara diferem da Paraíba, nesta temática, pode se dizer que nessas cidades, seus coléricos não foram esquecidos ou totalmente excluídos, suas narrativas estão acesas na história. Como menciona Ceará (2022) “ Mais que água, nosso ouro éa nossa memória” (CEARÁ, 2022, p. 94).

AGRADECIMENTOS

Por fim, agradecemos a CAPES por proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento de tal pesquisa.

5.0 REFERÊNCIAS

CLAUDINO, Silvania. **Memorial homenageia as vítimas de cólera em Tauá.** site Diário do Nordeste, 2013.

GUIMARÃES. Beatriz Freire. **A morte desprezível: História e arqueologia dos antigos cemitérios de bexiguentos da Paraíba.** Beatriz Freire Guimarães, Juvandi Souza Santos. Editora Copiase Papéis. Queimadas-PB, 2021.

JÚNIOR, Maximino. **A VELHA E A NOVA JAGUARIBARA-CE: PROJETO,**

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 2017.

MICHELATO, Antonio Ricardo. **Realidade e perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade. Interações - Cultura e Sociedade**, v. 3, n. 3, pp. 97-112, 2008.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Bom Jesus da Lapa: três romarias, um patrimônio e muita fé. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 2, n. 1, pp. 1-23, set. de 2011.

REVEL, Jacques, PETER, Jean, Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.144.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. in: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína(orgs.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006)

VALLA, Victor Vicent. **Religião e cultura popular.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.